

---

# As marcas em *terra sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006)

EURICO DE SEPÚLVEDA\*  
LÍDIA FERNANDES\*\*

## R E S U M O

O conjunto de marcas em *terra sigillata* de tipo itálico agora dado a conhecer foi exumado no decurso das campanhas arqueológicas realizadas no teatro romano de Lisboa por um dos signatários (L.F.). Esta intervenção teve lugar em 2005 e 2006, em área a sul do monumento romano, onde foi detectada a enorme estrutura do *postcaenium*, destinada a suportar a fachada cénica, assim como a área da colina onde este monumento foi edificado. O trabalho que agora se apresenta pretende dar início ao estudo sistemático de cerâmicas finas de mesa. O conjunto de peças agora analisado, referente exclusivamente às marcas em *terra sigillata* de tipo itálico versa apenas as marcas, não esgotando toda a restante panóplia de *terra sigillata* exumada.

## A B S T R A C T

During archaeological excavations carried out by one of the authors (L. F) the following set of potter's stamps in Italian *terra sigillata* was found. The excavations in the southern area of the Roman monument, where a huge structure belonging to the *postcaenium* was found aiming the establishment of the theatre in this steep slope, took place during the years of 2005 and 2006. With this paper the authors begin a systematic study on Roman fine table wares. The future studies will concern the rest of the Italian and the Gaulish decorated and plain Samian ware.

## 1. Introdução

O conjunto cerâmico que agora se apresenta foi recolhido no decurso das campanhas arqueológicas realizadas no teatro romano de Lisboa em 2005 e 2006. A intervenção neste monumento romano pautou-se, a partir de 1998, por pressupostos distintos dos que, até então, tinham orientado a actuação neste monumento. Com efeito, a apresentação do Projecto *Teatro Romano - Programa de Recuperação e Valorização*, da autoria de Ana Cristina Leite (Chefe de Divisão dos Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa), inaugurou uma nova política cultural que visava o tratamento deste monumento como um todo, com valências arqueológicas e históricas, mas também urbanísticas e de preservação do património construído.

A inauguração, em 2001, do Museu do Teatro Romano e a integração de áreas do próprio museu em *campus* arqueológico levaram à escavação de espaços localizados a sul do monumento. O facto de, no presente número da *Revista Portuguesa de Arqueologia*, se apresentar o estudo de uma pequena estatueta brônzea, também recolhida na área de onde provém o espólio que agora se analisa, obsta a mais comentários sobre estas intervenções arqueológicas, processadas, não no interior do teatro, mas no tardo da fachada cénica e do *postcaenium*, igualmente detectado no decorrer dos trabalhos arqueológicos.

Esta área de escavação localiza-se no n.º 3-b da Rua de S. Mamede, espaço que constituía o antigo pátio ajardinado da casa pombalina que lhe é fronteira e onde, durante muitos anos, esteve instalado o guarda camarário do teatro romano. O pátio abrange uma área de 165 m<sup>2</sup> e encontra-se delimitado, a norte, pela fachada sobre a Rua de S. Mamede e a sul, pelo terraço, de planta rectangular, que se debruça pela encosta. A um nível inferior, fica contíguo o edifício do Museu, ao qual se acede pelo terraço ou, a sul, através do Pátio do Aljube (n.º 5). O limite nascente deste pátio é constituído por um grande muro que o separa dos edifícios contíguos. A oeste, situa-se a casa do guarda (*supra*), a qual, em 2001, foi também sujeita, como referimos, a intervenções arqueológicas.

## 2. Contexto arqueológico e estratigráfico da *terra sigillata* de tipo itálico

As peças que agora se apresentam distribuem-se, em termos de recolha arqueológica, por múltiplas valas de sondagem. Pelo seu contexto histórico, há que distinguir as sondagens numeradas de 1 a 7 — realizadas numa primeira fase da intervenção — das que se localizaram a uma menor cota, isto é, a uma maior profundidade, numeradas de 9 a 11. Com o objectivo de não nos repetirmos quanto à metodologia de intervenção adoptada, remetemos para as plantas e explicações apresentadas no trabalho de um dos signatários no presente volume (L.F.).

### 2.1. Valas de Sondagem 4, 6 e 7

As valas de sondagem 4 e 6 implantaram-se na metade sul do pátio e atingiram uma profundidade de cerca de 2/2,5m. Correspondem ambas a ocupações moderna e contemporânea, sendo que as marcas de *terra sigillata* exumadas correspondem a estratos de deposição secundária, surgindo em associação com material de época anterior e, essencialmente, posterior.

A vala de sondagem 7 localizou-se no canto nordeste do pátio em sítio ocupado por uma antiga garagem construída nos inícios do século XX. Esta área foi intervencionada de forma independente, tendo sido a última a ser aberta nesta primeira fase dos trabalhos. Como se veio a confirmar, este local teve uma ocupação distinta da restante área do pátio uma vez que, a uma profundidade de cerca de 6 m (cota absoluta: c. 42,70 m), surgiu uma estrutura hidráulica circular, realizada através da sobreposição de várias tubagens cerâmicas e atribuída ao século XIV (Fernandes, Marques & Torres, 2008, pp. 159–183).

Um dado interessante é o facto de esta estrutura se implantar imediatamente ao lado do *postcaenium*. Ou seja, as tubagens cerâmicas localizaram-se imediatamente ao lado do *terminus* nascente deste grande muro (Fig. 1). Os materiais exumados na sondagem dizem respeito, quer à ocupação contemporânea que este espaço sofreu — última fase de ocupação quando a garagem foi construída —, quer, a um nível inferior, à que se relaciona com a estrutura hidráulica. O interior das tubagens, que corresponde a um contexto selado, encontrava-se repleto de materiais cerâmicos.

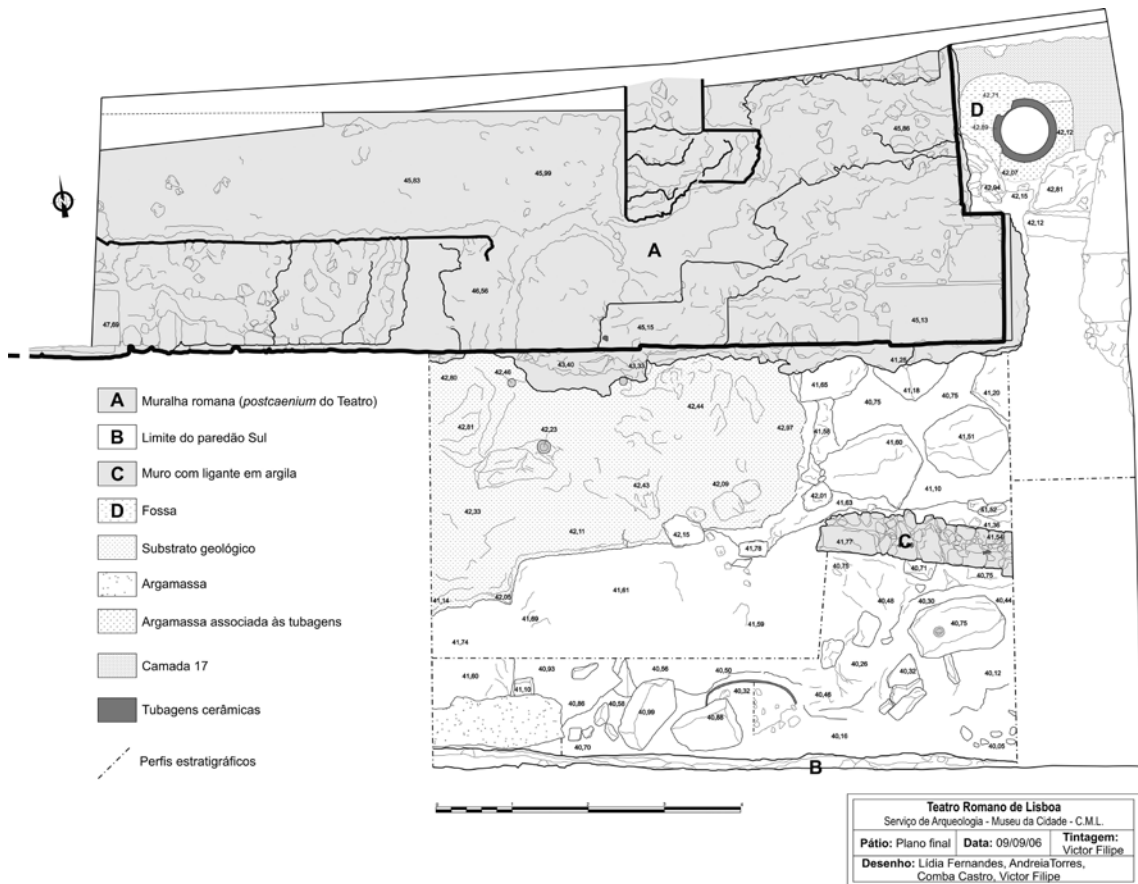


Fig. 1 Levantamento gráfico das estruturas arqueológicas exumadas no pátio, destacando-se a estrutura do *postcaenium*.

Os estratos em redor desta estrutura evidenciaram inúmeros fragmentos cerâmicos de época anterior aos encontrados no interior, sendo de realçar os da Época Romana e outros de cronologia mais alta, atribuíveis à Idade do Ferro. O facto destes materiais se encontrarem misturados num mesmo estrato, deve-se a terem sido remexidos aquando da construção do *postcaenium*, imediatamente contíguo. Foi nestes níveis, compostos por terrenos argilosos, bem compactados e de deposição secundária, onde foi realizada a concavidade para a introdução das tubagens.

## 2.2. Valas de Sondagem 9, 10 e 11

Estas três valas integram a segunda fase da intervenção no pátio, depois de as primeiras sondagens (valas de 1 a 6) terem sido realizadas. São paralelas entre si, com uma orientação E/W e implantam-se contiguamente à estrutura do *postcaenium*, para sul, até ao segundo muro de contenção da encosta que aí ainda existe, suportando o actual terraço.

Estas valas evidenciaram estratos da Época Romana, ainda que os níveis superiores não possam ser considerados de contextos coevos. O facto de se presenciarem a ocorrência de alguns materiais medievais, mesmo que a nível residual, impede uma total e clara diacronia da Época Romana. No entanto, os estratos inferiores podem ser associados à edificação do *postcaenium* e, por essa razão, ao início da construção do teatro romano de *Olisipo*.

As valas 10 e 11 dispuseram-se a sul da vala anterior, tendo a segunda acompanhado o declive acentuado dos níveis geológicos e, por essa razão, alcançou profundidades acentuadas, chegando a atingir 40,05 m (cota absoluta) na parte mais baixa, o que corresponde a cerca de 14 m em relação ao pavimento actual.

Quanto aos estratos 2 da vala 10 e 2-a da vala 11, o contexto é similar às camadas 2 e 2-a da vala 9, sendo esta última camada a mesma onde surgiu pequeno bronze zoomórfico que se analisa também nesta revista. Abstemo-nos, pois, de uma análise detalhada sobre estes estratos, os quais correspondem a um único horizonte cultural e a uma mesma deposição, ainda que com ligeiras diferenças físicas (Fig. 2), remetendo para o trabalho referido *supra*, que nesta revista se apresenta. Podemos afirmar que estas duas camadas são universais no pátio e selam os contextos da Época Romana, subjacentes.

Estes dois estratos localizam-se por cima de um enorme amontoado de pedras que nos indicia ser um arranjo intencional, levando em conta a morfologia da composição, ou seja, a deposição

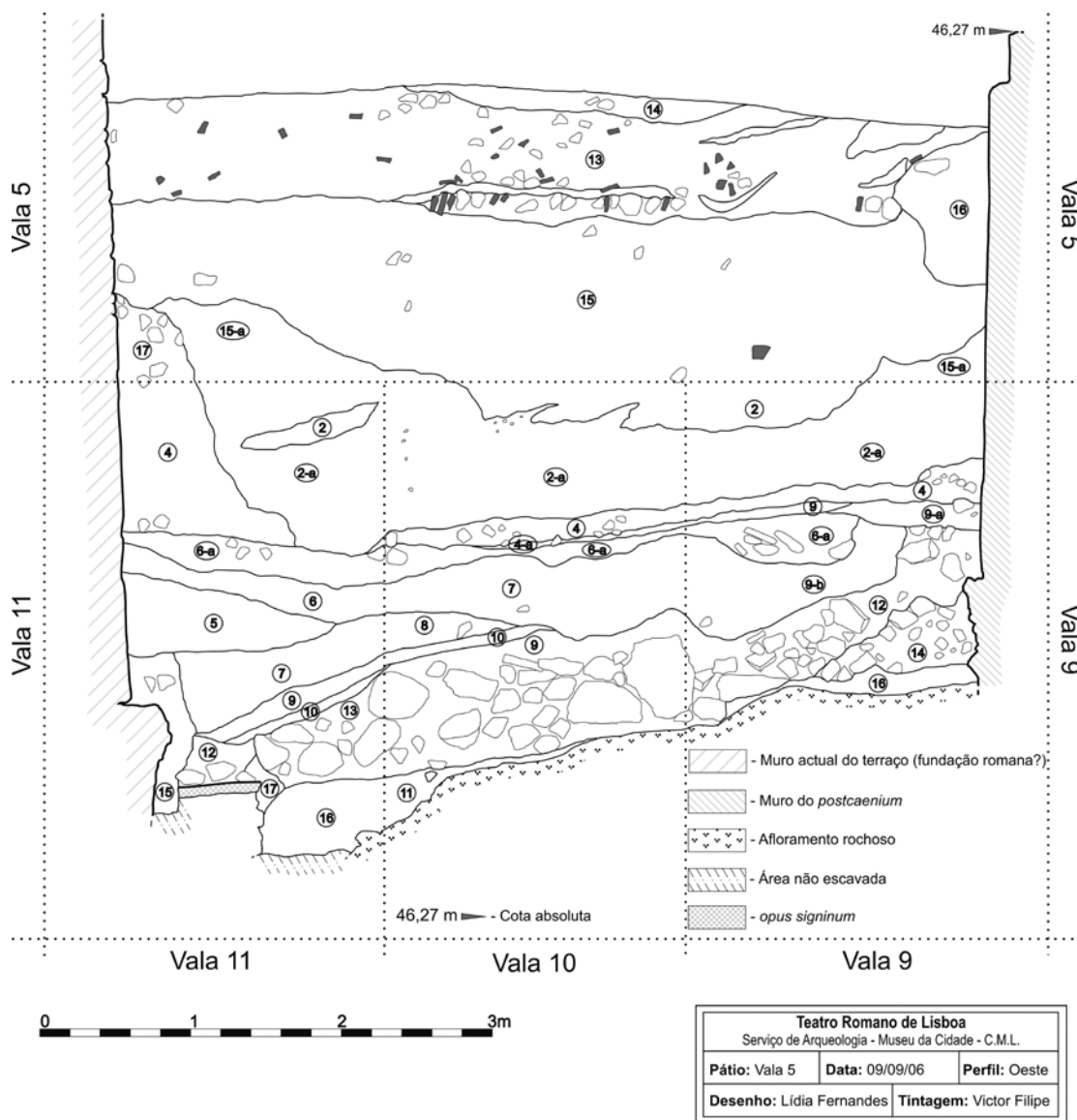


Fig. 2 Desenho do perfil poente das valas de sondagem 5 (1.ª fase), 9, 10 e 11 (2.ª fase).

de grandes blocos dispostos em três fiadas, paralelas entre si e ao muro do *postcaenium*, com uma orientação E/W e abrangendo a totalidade do espaço — estruturas a que demos a designação de “alinhamento/enrocamento”. A colmatar os espaços vazios destes “amontoados”, foram colocadas pedras de menor dimensão, de forma a torná-los mais compactos. As características deposicionais destes conjuntos obrigam, como dissemos, a pensar numa intencionalidade, estando situados quase imediatamente por cima do afloramento, em alguns locais apenas com poucos estratos finos subjacentes.

O objectivo destes “alinhamentos/enrocamentos” foi o de dar destino à enorme quantidade de blocos do afloramento rochoso que foram extraídos para a construção do teatro e, simultaneamente, dar maior consistência aos aterros artificiais que então foram criados na vertente sul do teatro, onde o monumento teve que ser profundamente alicerçado, dada a maior profundidade e declive dessa área.

Aqueles dois estratos (2 e 2-a), universais, como já referido, parecem definir uma fronteira entre o que é de deposição pós edificação romana, e o que é anterior. Outros situam-se subjacentes, nivelando a parte superior do “alinhamento/enrocamento”. É o caso das camadas que a seguir mencionamos, já na seguinte sondagem.

Na vala de sondagem 10 surgem marcas em *terra sigillata* itálica somente nas camadas 7 e 9 (Quadro 1). O primeiro estrato é universal, abrangendo todo o pátio (Figs. 2 e 3), possuindo, exclusivamente, material de época romana e situa-se por baixo dos estratos 2 e 2-a que falámos anteriormente. O estrato 9 é relativamente pouco espesso e situa-se imediatamente por cima do “alinhamento/enrocamento”, com uma disposição E/W.

Quadro 1. Caracterização estratigráfica das camadas onde foram recolhidas marcas de *terra sigillata* do tipo itálico

Vala Sondagem	Estrato/Camada	Descrição	Localização
10	7	Verde-claro medianamente solto muito argiloso e arenoso	Universal, de grande potência estratigráfica, prolongando-se para sul e para norte (valas 9 e 10)
10	9	Coloração amarelada, argiloso e arenoso, relativamente solto	Fino estrato sobreposto ao “enrocamento/alinhamento” de pedras
11	4	Castanho, por vezes escuro, solto e pouco compacto, com pedras de pequeno e médio calibre	Exclusivamente a sul, junto ao grande muro romano de contenção (por baixo do actual terraço)
11	6	Castanho, tonalidade esverdeada, medianamente compacta e argiloso	Universal, fino estrato correspondente à camada 7 da vala 10
11	8	Castanho-escuro, muito compacto, heterogéneo, argiloso	Com pouca espessura a oeste e maior no lado nascente. Por entre as pedras do “enrocamento/alinhamento”. Por baixo do estrato 7
11	10	Verde-escuro, por vezes mais cinzento, arenoso, nódulos de argila, pedras e carvões, compacto	Fino estrato de argamassas que sela a camada 9
11	11	Cor amarela, solto e arenoso, com muita pedra de pequeno calibre	Corresponde à camada 16 da vala 9, por cima do afloramento rochoso
11	13	Coloração amarelada de tonalidade castanha, medianamente solto, argiloso e arenoso. Muitas pedras	Surge a nascente sobre o “enrocamento/alinhamento”
11	14	Castanho, tonalidade esverdeada, medianamente compacto e argiloso, composição muito fina, humosa	No limite inferior das pedras do “enrocamento/alinhamento”. Surge apenas a nascente
11	18-b	Castanho claro mas com bolsas mais escuras, medianamente compacto, heterogéneo	Apenas a nascente da sondagem, por baixo do “masseiro” ou nível de compactação. Surge em bolsas, intercalando com a camada 11-a

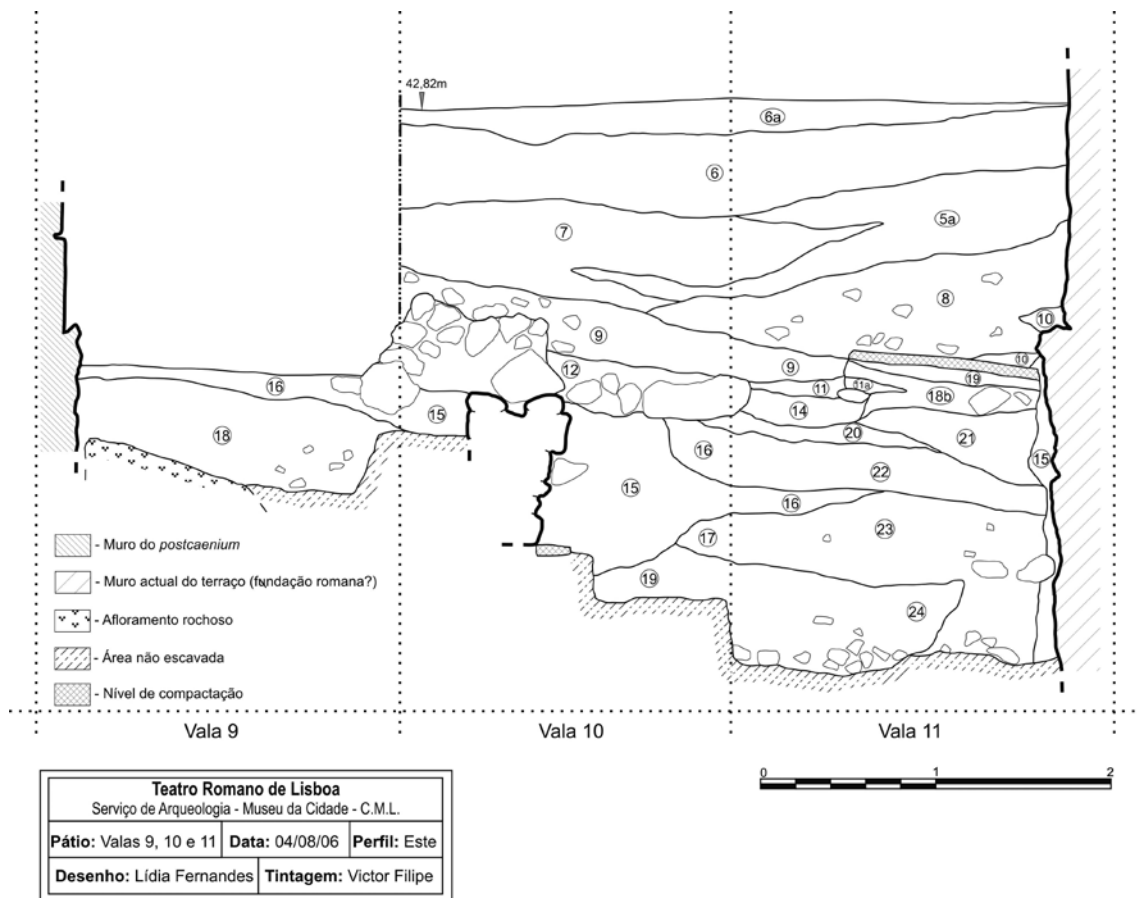


Fig. 3 Desenho do perfil nascente das valas de sondagem 9 (parte inferior), 10 e 11.

Por fim, foi na vala de sondagem 11 onde se exumou o maior número de espólio de marcas de *terra sigillata* de tipo itálico. Esta sondagem localiza-se no limite sul do pátio e foi a que atingiu maiores profundidades, uma vez que coincide com uma quebra natural do afloramento natural.

O estrato 4 surge associado a espólio romano, mas também, residualmente, de época medieval. Encontra-se ao mesmo nível dos estratos 2 e 2-a que havíamos descrito anteriormente. Este estrato surge a um nível mais alto junto ao muro sul (que suporta o terraço), adossado a essa estrutura (Fig. 2), e não é detectável no limite nascente da sondagem. A partir deste estrato, os níveis que a seguir se identificam são, todos eles, de época romana. O estrato 6 é muito heterogéneo, universal em todo o pátio e posiciona-se por cima do “alinhamento/enrocamento”, implantação que se torna mais evidente nas valas 9 e 10, embora também aqui verificável. A camada 8 surge essencialmente na parte central e nascente da sondagem, imiscuindo-se, por vezes, com os estratos imediatamente adjacentes.

Os estratos de 9 a 13, todos eles de espessura fina, apenas foram assinalados nesta vala de sondagem (Fig. 3). O seu aparecimento, poderá ser explicado pelo facto de terem surgido, quer a nascente, quer a poente, pequenas estruturas que identificámos como “massames” ou “maseiros”. A oeste, uma pequena área de formato sensivelmente rectangular, poderá corresponder a um maseiro de argamassa fina do tipo *opus signinum* (Fig. 4). Na zona nascente da sondagem, assinala-se um outro maseiro, composto por areão fino, muito arenoso e comprimido, que cobre uma área, também mais ou menos rectangular, que encerra múltiplos estratos, finos, compactados, que se



Fig. 4 Perspectiva de norte para sul da vala de sondagem 11 e do muro sul que actualmente suporta o terraço do museu. Do lado direito da imagem (poente), a estrutura do “masseiro” semelhante a *opus signinum*. Fotografia de Lídia Fernandes.

sobrepõem uns aos outros. Um desses estratos, designado por 18-b, ocupa uma área que não se sobrepõe, nem é sobreposta, pela estrutura do “alinhamento/enrocamento”, o qual se encontra interrompido nesse ponto (limite nascente da sondagem), significando este facto que ambas as estruturas são coevas.

Este estrato fino constitui uma das várias camadas que compõem esta estrutura do “masseiro”, encontrando-se circunscrito a essa pequena área e caracterizando-se por surgir em pequenas bolsas, intercalando-se com outros estratos.

Estas estruturas e as camadas a elas associadas poderão ser relacionadas com o próprio estaleiro de obra de construção, quer do *postcaenium*, quer do muro de contenção, posicionado mais a sul. Certamente que haveria necessidade de, sucessivamente a níveis inferiores, deslocar e remontar as áreas de trabalho para a construção destas duas enormes estruturas. Após a substituição de um estaleiro por outro, os vestígios e desperdícios de obra do mais antigo eram simplesmente deixados no local, servindo eles próprios, possivelmente, de enchimento ao futuro aterro artificial que seria feito após a conclusão destes muros.

O estrato 14, também registado nas restantes sondagens, localiza-se por entre as pedras do “alinhamento/enrocamento” e essencialmente na base desta estrutura onde se transforma num sedimento mais fino e mais escuro, certamente devido a escorrimentos provocados por entradas de água. Estes últimos estratos apenas se verificam na parte nascente da sondagem, exceptuando a camada 13, pois esta está relacionada com a estrutura do enrocamento.

Quadro 2. Distribuição estratigráfica do espólio cerâmico romano associado às marcas em <i>terra sigillata</i> de oleiros itálicos (excluída a cerâmica comum)						
Vala	Estratigrafia	CPF	V. Pompeiano	Ânforas	Lucernas	Marcas de Oleiro Itálicas
Vala 4	Camada 12 b	—	—	—	X	X
Vala 6	Camada 12 a	—	—	—	X	X
Vala 7	Camada 16	X	—	—	—	X
Vala 9	Camada 2	X	X	—	X	X
	Camada 2 a	X	—	—	—	X
	Camada 4	—	—	X	X	X
	Camada 8	X	—	X	—	X
	Camada 9	—	X	X	X	X
	Camada 9 b	X	X	X	—	X
	Camada 12	—	—	X	X	X
Vala 10	Camada 2	X	X	—	X	X
	Camada 7	X	—	X	—	X
	Camada 9	—	—	—	X	X
Vala 11	Camada 2 a	X	X	—	X	X
	Camada 4	—	—	—	X	X
	Camada 6	X	X	X	X	X
	Camada 8	X	—	—	X	X
	Camada 10	X	—	X	X	X
	Camada 11	—	—	X	X	X
	Camada 13	—	—	X	X	X
	Camada 14	—	—	X	X	X
	Camada 18 b	X	X	X	X	X

### 3. A *terra sigillata* de tipo itálico

Durante as últimas intervenções arqueológicas levadas a cabo no teatro romano, durante os anos de 2005 e 2006, sob a direcção de um dos co-autores (L. F.), foram exumados cerca de 1000 fragmentos de *terra sigillata* que constituem um dos espólios que fazem parte dum projecto de estudo que englobará as cerâmicas finas de mesa e lucernas.

Entre estes fragmentos existe um conjunto com 39 elementos que foram classificados como *terra sigillata* de tipo itálico, que depois de tratados em laboratório, corresponderam a um número total de 31 indivíduos que têm como característica comum possuírem marcas de oleiro, sejam elas completas, de leitura parcial, ou mesmo só com alguns vestígios.

Apresentamos aqui o resultado do estudo que lhe dedicámos, que foi efectuado tendo em mente vários tipos de análise, tais como: o relacionamento com as formas em que foram efectuadas; a localização das olarias de onde são provenientes; o agrupamento em “famílias” sob a égide de um patrono; a comparação com outros arqueossítios de localização comercial privilegiada onde estes oleiros foram também encontrados; e, por fim, um conjunto de conclusões em que se enquadraram as marcas no processo de escavação, relacionadas com todo o restante espólio obtido.



### 3.1. As formas

Iniciámos a nossa análise, tendo como preocupação indicar quais as formas a que as marcas, indicadas *infra*, estariam associadas. Para o efeito, elaborámos uma tabela em que se incorporasse as peças que fazem parte do espólio, em formas, diacronias e tipos que com elas estivessem relacionadas. Utilizámos como base de estudo a obra de Ettliger & *alii* (1990) e excluímos das cronologias atribuídas todas aquelas que se prendessem com produções itálicas tardias, visto não possuímos marcas que pudessem ser incorporadas naquela época de produção, contrariamente ao que acontece na Praça da Figueira, em que estão presentes S. MVRRIVS FESTVS e C.P.P. (Silva, s/d, pp. 116, 118).

Como se pode verificar da interpretação dos dados fornecidos pela Tabela 1, não foram encontradas peças com perfil completo, o que resultou na impossibilidade de aferir datações que nos permitissem obter diacronias mais finas, dentro dos intervalos de tempo que são geralmente aceites para os oleiros identificados.

Merece também, especial realce, o facto de, das dezasseis peças que possuem base, todas elas – exceptuando o n.º de Inv. TRL/05/153 – pertencerem a taças de perfil troncocónico ou hemisférico, em detrimento dos pratos.

Num trabalho que estamos a preparar sobre o restante espólio da *terra sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa, poderemos, pois, averiguar se este facto, calculado em termos percentuais, se verifica de forma idêntica ou não.

Tabela 1. Formas dos fragmentos que apresentam marcas e cronologias gerais associadas				
Consp.	N.º de Inventário	Forma	Cronologia dos tipos associados	Tipos de pratos e taças associados
B 2.4	TRL/05/153	Prato	Meados de Augusto	Consp. 4.1–4, 5, 11, 12 e 18
B 3.12	TRL/05/326; TRL/05/7	Taça	Augusto a finais do I d.C.	Consp. 32–33, 36–37
B 3.15	TRL/06/83; TRL/06/19	Taça	Meados/finais de Augusto	Consp. 7.1, 8, 31–33 e 36
B 4.1	TRL/05/82, 85, 88 e 93	Taça	Meados de Augusto ao 3.º quartel I d.C.	Consp. 22 a 25
B 4.4	TRL/06/196	Taça	A partir de meados de Augusto	Consp. 24.3
B 4.6	TRL/05/22; TRL/06/107	Taça	<i>Idem</i> B 4.1	<i>Idem</i> B 4.1
B 4.8	TRL/05/376	Taça	<i>Idem</i> B 4.1	<i>Idem</i> B 4.1
B 4.9	TRL/06/366; TRL/05/363	Taça	<i>Idem</i> B 4.1	<i>Idem</i> B 4.1
B 4.10	TRL/05/330–331	Taça	<i>Idem</i> B 4.1	<i>Idem</i> B 4.1
B 4.11	TRL/05/141	Taça	<i>Idem</i> B 4.1	<i>Idem</i> B 4.1
B 4.12	TRL/06/15 e 15a	Taça	2.º e 3.º quartel do I d.C.	Consp. 23
33	TRL/06/234, 234a, b; 292, 292 <sup>a</sup>	Taça	Augusto/ Tibério	—

A questão que se levanta e que nos intriga é a do porquê desta disparidade. Será que a discussão sobre a noção e constituição dos serviços em *sigillata* encontra aqui uma forte base de apoio? Esperemos que sim!

### 3.2. Os oleiros

Em relação ao estudo efectuado aos oleiros itálicos, *infra*, seguimos bem de perto a revisão feita por Kenrick (2000) ao *Corpus Vasorum Arretinorum* de Oxé e de Comfort, utilizando, sempre que fosse necessário, trabalhos de investigação que pudessem adicionar “novidades” àquela obra de tão elevado grau de dificuldade.

Optámos por classificar os oleiros envolvidos, utilizando critérios que abrangeram desde a localização das oficinas à complexidade da leitura das marcas, o que resultou na constituição de vários grupos que foram tratados de forma independente.

Em primeiro lugar, pela importância dentro deste tipo de produção oleira, definimos um grupo cujas olarias se localizaram no grande centro produtor do Arno, Arezzo, tendo tratado de forma “global” as diversas marcas dos Cornélios (P. CORNELIVS e seus escravos). O segundo grupo ficou ligado a Pisa e ao que denominámos “círculo de Ateivs”, formado, nada menos, por *Chrestus*, *Euhodus* e *Xanthus*. Em seguida, descendo no sentido Sul, centrámo-nos em Pozzuoli/*Cumae*. O grupo seguinte, que corresponde às produções de Vasanello, levantou-nos dúvidas na medida em que se poderia tratar de uma outra olaria situada no Centro de Itália. A sucursal de Arezzo na Gália (La Muette) formou o próximo conjunto, pois identificámos uma marca que lhe pertence. Tivemos também de constituir um grupo de oleiros com oficinas de localização desconhecida, assim como um em que, embora a respectiva marca esteja completa, se apresenta perfeitamente indecifrável. O agrupamento final refere-se às marcas de leitura reduzida que são constituídas por símbolos ou por uma só letra.

#### 3.2. 1. Os oleiros do grande centro produtor do Arno - Arezzo

O estudo que iremos efectuar sobre os oleiros que tiveram as suas oficinas em Arezzo irá iniciar-se com ANNIVS, cujo nome se encontra aplicado a um fragmento de fundo (TRL/05/173), possivelmente de um prato, atendendo ao prolongamento que se apercebe no seu perfil e ao tipo de marca que possui ANNI (OCK 116, n.º 12). Esta encontra-se inscrita numa cartela rectangular tipo OCK 163, que nos permite, em face dos paralelos encontrados, reforçar a atribuição àquela forma.

Annio desenvolveu a sua actividade oleira entre um período aproximadamente de 20 anos, ou seja, entre 15 a.C. e 5 d.C., sendo-lhe conhecidos apenas cinco escravos.

A difusão dos produtos deste oleiro parece não ser muito abundante na *Lusitania*, pois, para além da nossa marca, apenas conseguimos encontrar uma outra pertencente a um dos seus escravos, Hilário, na capital da província, Mérida (Jérez Linde, 2005, p. 57, n.º 3).

O oleiro aretino mais antigo que faz parte do espólio obtido durante os anos de 2005 e 2006 é sem dúvida P. HERTHORIVS (OCK 933, n.º 34), que tem sido “largement attesté en Italie, Afrique du Nord, Espagne et France” (Bémont, 1976, p. 142) e que teve a sua olaria laborando entre 30 e 10 a.C. Esta diacronia baseia-se na profusão de marcas de tipo radial, na ausência de arqueossítios com ocupação posterior a 10 a.C. e nos perfis dos seus produtos finais: pratos e taças. O fragmento,

de pequenas dimensões, em que esta marca está apenas, colocada em posição central (TRL/06/269), parece-nos corresponder a um prato ou, então, a uma taça grande, embora o tamanho reduzido, como realçámos, não nos possa dar certezas de que peça se tratará.

A presença de Públio Hertório no teatro romano de Lisboa é testemunho, assim como em Lyon (no possível templo de Cibele) e no teatro romano de *Malaca*, da grande diversidade na colocação dos produtos originados nesta olaria durante o início do principado de Augusto e toda a primeira parte do mesmo.

Entre as marcas estudadas distingue-se, pela perfeição e dimensão reduzida das letras, a marca aplicada no fragmento TRL/05/447 que, embora esteja fragmentada em cerca de um terço, oferece-nos uma leitura inequívoca do oleiro a quem pertence. Trata-se de C. VMBRICIVS PHILOGVVS (OCK 2448, n.ºs 12 ou 13), provavelmente um liberto que se encontrou activo na sua olaria em Arezzo a partir do ano 14 d.C.

A marca do fragmento do teatro romano de *Olisipo* é do tipo rectangular com o *gentilicium* e o *cognomen* em duas linhas, sem separador, e não apresentando *praenomen* o que a torna assimilável aos exemplos apresentados no OCK encontrados em Arezzo, Neuss, Roma e Xanten, entre outros.

Parece-nos ser, na base da literatura consultada, a primeira marca deste oleiro encontrada no actual território português e quiçá na Lusitânia.

Outro oleiro que desenvolveu a sua actividade, provavelmente neste centro, foi C. VOLVSENVVS (OCK, 2500) que terá estado em laboração entre o princípio da Era e o ano 20, contando, durante este intervalo de tempo, com a participação de cerca de 22 escravos e que está representado, no nosso espólio, com uma marca efectuada numa cartela de tipo *planta pedis* em que se lê C-VOL, efectuada com punção que devemos considerar ter sido, na altura, ainda pouco utilizado.

O fragmento de fundo (TRL05/2234) que lhe serve de suporte tem pela parede externa uma inscrição circular, incompleta, efectuada pós-cozedura.

#### Publius Cornelius e o mercado hispânico

No que repete ao espólio de marcas aretinas, é de salientar, como seria natural, um conjunto de 4 marcas pertencentes à oficina localizada na “Ponte a Buriano”, local de produção de PVBLIVS CORNELIVS e dos seus 55 escravos.

Este oleiro é considerado como um dos mais prolíferos em época romana, e certamente que o é na Hispânia. A explicação para certa preferência nos mercados ibéricos em detrimento dos mercados do norte terá a ver, como propõe Kenrick, com a probabilidade de os *Cornelii* terem possuído “estates in Spain with consequent shipping interests which favoured the export of pottery in that direction” para além de “serem economicamente acessíveis a uma larga faixa da população, para a qual, sobretudo em âmbito provincial, constituíam um produto de prestígio”. Esta actividade exportadora parece ter sido constante durante o período de 5 a.C. a 40 d.C.

A produção decorada deste oleiro está também presente no espólio do teatro romano de Lisboa sendo motivo de um novo estudo já em preparação. No actual território português encontra-se referenciado em todas as estações que nos serviram como termo de comparação, quer em nome individual quer, através dos seus escravos (Tabela 2).

Dos quatro fragmentos que identificámos, destaca-se em primeiro lugar o que apresenta a marca P<sup>^</sup>CORN, (TRL/06/32), em que nos parece ter existido uma “derrapagem” na aplicação do punção o que levou ao nexos entre o P e o C e ao N ser apenas representado por um pequeno traço.

As restantes marcas pertencem a escravos de P. Cornélio, sendo que as referentes a DIOMEDES (OCK 638, n.º 1), em número de duas (TRL/05/153 TRL/06/15 e 15 a), parecem ter sido efectuadas pelo mesmo punção, em que, na primeira linha, se lê o nome do escravo DIOM^E e na segunda P C^OR^N, porém aplicado em peças diferentes. O primeiro fragmento corresponderá então a uma base incompleta, *Consp.* B 2.4, que faz parte de pratos de diversos tipos, enquanto o segundo pertence a uma taça, de parede oblíqua, da qual possuímos a base, completa, e o arranque da parede, que será do tipo *Consp.* B 4.12, típica da forma 23.

Por fim a marca inscrita num fragmento de fundo (TRL/05/132) e numa cartela de tipo OCK 457, diz respeito a POTVS (OCK 669, n.º 3). Da leitura que efectuámos, sem qualquer tipo de dificuldade, resulta, na observação da primeira linha, o nome de Cornélio na forma P-COR^N (em que o P está omitido devido à fractura que a marca apresenta no início), enquanto a segunda regista o nome do escravo POTI.

Contrariamente ao que acontece com este último, referenciado principalmente para Arezzo, de forma bastante abundante, mas também com marcas em Beja (Represas) e Conímbriga, Diomedes é um oleiro que possui apenas seis entradas no OCK, contando já com a marca encontrada em Belo (Bourgeois, 1991, tableau 23, n.º 32) o que valoriza as duas marcas lisboetas, pois irão representar um aumento de cerca de 35% no cômputo total. É de referir, também, o facto de, na Alcáçova de Santarém, ter aparecido uma marca bilínea deste escravo corneliano, bastante incompleta na primeira linha, a qual foi assumida como lhe pertencendo embora ressalvada como sendo “uma proposta a ser considerada com bastante cautela” (Viegas, 2003, p. 86).

#### *Uma nova marca de um liberto de C. GAVIVS?*

A marca que seguidamente estudámos (TRL/05/363) pertence à olaria de C. GAVIVS (OCK 869), situada em Cincelli, tendo este oleiro estado activo durante o período que se inicia em 1 d.C. e que terminará no ano 30 ou pouco depois. A cronologia do final da sua actividade produtiva deve ter sido motivada, provavelmente, pela concorrência poderosa ocasionada pela abertura de uma sucursal da olaria de M. Perénio Tigrano conjugada com a da oficina de Cornélio, hipótese defendida por Cristina Troso (1991, p. 66) no estudo sobre a produção decorada deste último oleiro.

Esta marca, inscrita numa cartela de tipo rectangular, bilínea, num fundo de tipo B 4.9 faz parte integrante de uma taça, possivelmente de paredes oblíquas.

Na primeira linha lê-se C-GA^VI, com o I inclinado para a direita e na segunda, onde duas letras tiveram de ser reconstituídas de forma que nos pareceu mais plausível, FERVS.

Da pesquisa que fizemos no CVA (1968) e no OCK (2000), não conseguimos encontrar nenhum escravo ou liberto de C. Gávio que tivessem punções semelhantes. Desta forma, e seguindo a regra de que a colocação do *cognomen* na segunda linha poderá indiciar uma situação de liberto, admitimos a possibilidade de ser esta marca de um novo oleiro, da oficina de C. GAVIVS, até agora desconhecido, o que implicará o aparecimento em *Olisipo* de outra marca inédita. Mais ainda, tendo como base o tipo de cartela associado à forma da taça em que está inserida, poderemos afirmar ter esta sido produzida, quiçá, num período cronológico que vai desde o início da Era a finais de Augusto.

### 3.2.2. Marca passível de ser atribuída a uma olaria no Centro da Itália

O fragmento TRL/06/273 apresenta uma marca que nos levantou sérias dúvidas quanto à leitura efectuada. Como resultado do tipo de fractura que a peça apresenta, apenas duas letras e o resto de uma terceira são visíveis, faltando-lhe as restantes.

A primeira e segunda letras são, sem sombra de dúvida, um C e um A, enquanto a terceira parece tratar-se de um R, o que nos levou a identificá-la como pertencente ao oleiro CARVS (OCK, 518), com oficina algures no Centro da Itália, o qual assina apenas com *cognomen*, produzindo durante um período curto de 15 anos (1 d.C. a 15 d.C.).

Olhando, porém, atentamente para a difusão das marcas de Caro, as quais passam ligeiramente a dúzia de ocorrências, esta centra-se esmagadoramente na península itálica, pois apenas uma destas marcas foi encontrada na província romana da *Raetia*.

A possibilidade de se tratar de outro oleiro surgiu-nos a partir do momento em que reflectimos sobre o carácter “caseiro” da produção de Caro. Estamos tentados a assimilar, portanto, esta marca a C-ARVIVS (OCK, 254), oleiro de Arezzo com uma longevidade na produção, bem mais duradoura do que Caro, conhecido em Mérida e já com uma referência em Valdoça (Aljustrel) (Alarcão, 1966, p. 45), e outra em Santarém (Viegas, 2003, pp. 85, 91).

No entanto, é-nos impossível encontrar o ponto de separação entre o C e o A, embora haja conhecimento de um punção em que este ponto não existe, mas em que o A e o R estão em nexos (Guéry, 1992, p. 34, n.ºs 59 e 62). Recentemente foram encontrados quatro punções deste oleiro em Scoppieto, sem ponto separador e sem nexos, em 23 exemplares publicados por Nicoletta (2003, pp. 146, 147, Fig. 1) como rejeitados de produção.

Embora esta dúvida se mantenha no nosso espírito, em face desta nova descoberta, optámos por considerar esta marca como pertencente à olaria de Caro.

### 3.2.3. As produções de Pisa e o “círculo de Ateius”

O grupo de marcas exumadas no teatro romano de Lisboa com origem em Pisa é constituído por quatro marcas, três das quais pertencem à olaria de *Ateius*.

Para vários autores, entre os quais Kenrick (1997, 2000), Menchelli (1997), Hedinger (1999) e von Schnurbein (1982), este oleiro, cujo início da sua produção teve lugar em Arezzo (entulheiras escavadas na Via Nardí, em 1954–1955), estabelece-se, mais tarde, em território do *ager Pisanvs* tendo em vista uma localização fluvial/costeira, mais precisamente nas costas do mar Tirreno, que lhe fosse favorável, no que diz respeito ao escoamento dos seus produtos finais. Esta situação privilegiada permitia-lhe, assim, uma maior rapidez na colocação da sua produção em regiões do Império servidas pelas rotas mediterrânicas tradicionais.

Este processo de mudança da olaria da Via Nardi para terras pisanas deve ter tido lugar por volta dos últimos anos do século I a.C., visto que, para Kenrick (1997, p. 186) “... *Ateius* moved his workshop from Arezzo to Pisa shortly before the turn of the era”. Este mesmo autor vai mais longe ao afinar esta cronologia para 5 a.C., com base na descoberta de três marcas do próprio *Ateius*, já com origem na sua olaria de Pisa, encontradas num depósito datado desse ano em Mainz (Kenrick, 1997, p. 186).

Dentro dos oleiros que trabalharam para ele destaca-se um grupo, que Menchelli (1997, p. 194) considera como “... dei più antichi vasai ateiani (*Chrestus, Euhodus, Xanthus, Zoilus*)”. Destes quatro oleiros encontramos, na nossa colecção os três primeiros, simultaneamente, facto que, para além de

Pisa, só temos conhecimento, na bibliografia consultada, em Mérida (Jérez Linde, 2005) e em Carthago (Hedinger, 1999), caso que nos parece deveras interessante, pois pensamos ter existido uma oferta de produtos ateianos ao longo de várias dezenas de anos, que concorreram, no mercado da *Hispania*, com produtos oriundos de outras olarias itálicas de reconhecido poder económico, como seja o caso da *sigillata* proveniente da oficina de P. Cornélio.

Procedemos então ao estudo destas marcas que pertinentemente apelidámos como pertencentes ao “círculo de Ateius”, as quais nos mereceram as seguintes considerações.

A marca de CRESTVS (TRL/05/326, oleiro OCK n.º 698, n.º 68) aparece-nos então no nosso espólio aplicada no fundo interno de uma base, incompleta (tipo B 3.12), de uma taça para a qual não nos foi possível determinar com certeza a sua tipologia, atendendo ao facto de aquele tipo ter sido utilizado na produção de quatro modelos de taças diferentes (Tipos *Consp.* 32–33 e 36–37), apresentando parte (?) de um grafito, no fundo exterior, composto por um conjunto de duas ou três letras que permitem a leitura DM ou DAA.

A cronologia que lhe atribuímos abrange um período de tempo que se estende, aproximadamente, entre 10 a.C e 30 d.C.

Por sua vez, a marca em *planta pedis* que se encontra apenas num pequeno fragmento da parte interior de uma base, TRL/05/123, corresponde ao oleiro EVHODVS. Trata-se do oleiro OCK 787 que terá tido como início da sua produção o momento correspondente à implantação da oficina de Ateius, em Pisa, 5 a.C., com o fim de produção em 40 d.C. Atendendo ao modelo da cartela do tipo *planta pedis*, é-nos lícito afirmar que a peça em que esta marca foi colocada foi fabricada a partir do principado de Tibério, altura em que este desenho da cartela é utilizado. Na parede exterior apresenta uma marca pós-cozedura do tipo “cruciforme”.

O mesmo acontece com o fragmento TRL/06/196, que possui também uma marca do tipo *planta pedis*, limitada por um círculo duplo, a qual foi gravada no fundo de uma base (B 4.4), completa, de uma taça cónica, provavelmente do tipo *Consp.* 24.3. Esta marca pertence ao oleiro XANTHVS, na versão *XANTHI*, em que as letras ANTH se encontram em nexu (OCK 2536, n.º 131). Diacronicamente, para esta taça, o período em que foi feita será idêntico ao da peça de Evhodo, ou seja a partir de 15 d.C., mas com um final mais longo pois poderá prolongar-se por mais dez anos, ou seja, até 50 d.C.

A outra marca (TRL/05/246) oriunda das olarias de Pisa pertence ao oleiro M. VALERIVS (OCK 2315, n.º 23) e está aplicada numa cartela de tipo rectangular, no fragmento de fundo, possivelmente de prato, se atendermos às dimensões e ao desenvolvimento da parede, que apresenta um grafito, pelo exterior, do tipo “linhas perpendiculares” enquanto, pelo interior, outro grafito parece querer representar um X. Trata-se de um oleiro contemporâneo dos do “círculo de Ateius”, laborando aproximadamente durante três décadas, precisamente entre 15 a.C. e 15 d.C.

É interessante verificar a existência, no espólio obtido nestas intervenções efectuadas no teatro romano de Lisboa, de oleiros pisanos com cronologias altas, referentes ao início do Principado (Augusto, Tibério), em detrimento dos oleiros tardo-itálicos, como L. Rasinio Pisano e os Murrios, que negociam em períodos que se estendem já bem dentro do século II d.C.

#### 3.2.4. Pozzuoli/Cumae e os seus oleiros

O complexo oleiro de Pozzuoli ficava situado no litoral da baía de Nápoles, a norte das cidades de Herculano e de Pompeios, bem longe de Arezzo, gozando de uma situação privilegiada para a exportação da *terra sigillata* lisa e decorada que aí era produzida. As olarias aqui instaladas pare-

cem ter começado a produzir, tendo em conta a panóplia das formas encontradas, por volta do último decénio do século I a.C., com um período de produção efectiva relativamente curto, não ultrapassando os meados do século I d.C. Vários foram os oleiros que tiveram as suas olarias nesta cidade costeira, destacando-se pela sua produção profícua, NAEVIVS.

Oriundo de Pozzuoli foi pois encontrado, nas escavações do teatro romano, um fragmento (TRL/06/19) com uma marca e que pelo nome do oleiro que apresenta AGATHEMERVS podemos inseri-lo na primeira fase de produção que se desenvolve entre 10 a.C. e 10 d.C.

A marca está escrita de forma abreviada ACA (OCK, 53, n.º 9), numa base de tamanho pequeno de tipo B 3.15 que corresponderá a uma taça de perfil hemisférico.

### 3.2.5. Marca com origem em Vasanello ou em sítio oleiro a ser descoberto no Centro de Itália

Uma marca (TRL/05/22) de visualização total aplicada no interior de uma base incompleta, do tipo B 4.6, pertencente a uma taça de tamanho médio, levantou-nos sérios problemas, ao tentarmos identificar o local de origem da olaria onde foi fabricada.

A sua leitura, PRI (OCK 1519), foi efectuada sem dificuldade, pois as letras desenhadas possuem um relevo tal que não admite a existência de qualquer tipo de erro. Para mais, o seu paralelismo com uma marca de Braga (Morais, 175, n.º 17) leva-nos a considerar terem sido, ambas, provenientes do mesmo punção.

Este mesmo autor classifica esta marca, quanto à origem, com a expressão “A DETERMINAR” enquanto no OCK, Kenrick, para além da cronologia de 10 a.C. a 10 d.C., sugere a hipótese de se verificar uma ligação a Primo com olaria em Vasanello (OCK 1534), que, no entanto, terminou a sua produção em 1 a.C. De facto, o exemplo apresentado com o n.º 4 ostenta o mesmo conjunto de três letras (PRI), ainda que de feitura mais fruste.

A dúvida que porém está presente, quando pretendemos dar uma origem ao nosso fragmento, reside no facto de a argila em que foi feita apresentar as características indicadas por Kenrick (2000, p. 34) para as produções de Vasanello: “The clay is finely granular and tends to be orange-pink”. Na base desta controvérsia decidimos, assim, considerar a marca como proveniente deste complexo oleiro com um certo grau de probabilidade.

### 3.2.6. Marcas provenientes da Gália

Entre os vários centros de produção de *terra sigillata* de tipo itálico, não pudemos deixar de referenciar o conjunto de sítios arqueológicos de Lyon (Desbat & *alii*, 1996, 2000, p. 513), entre os quais sobressai o da rua de La Murette. Embora não se tenham encontrado as estruturas referentes às olarias, parece não restarem dúvidas sobre a produção de vários tipos cerâmicos, entre os quais se deve destacar, precisamente, a *terra sigillata* com produções que vão copiar formas precoces do reportório arretino e desenvolver a sua própria produção a partir do momento em que o “... atelier de Lyon” se constituiu como uma “... succursale d’ Arezzo” (Desbat & *alii*, 2000, p. 515).

O problema cronológico relacionado com o início e final desta produção tem sido controverso, pelo que não nos debruçaremos sobre ele, optando por seguir a cronologia proposta por Kenrick (OCK, 2000, pp. 28–29): de 10 a.C. a 10 d.C.

Pertence certamente a uma produção dos *ateliers* de Lyon o fragmento de fundo, TRL/05/229, que apresenta a marca de VRBANVS inscrita, de forma retro, em cartela de tipo rectangular que

poderemos assimilar ao exemplo apresentado no OCK, referente ao oleiro 2529, n.º 8, encontrado em La Muette, pese o caso de o N e o A não se encontrarem em nexos.

Das características que Martine Genin sublinha a propósito da marca MML 110 (Desbat, 1997, p. 208), encontrámos na nossa as mesmas dimensões e o “Encadrement très net de traits fins”. Dos pressupostos avançados, parece-nos, pois, ter havido uma preocupação na feitura do punção original e que estas marcas tenham sido efectuadas num momento em que este punção tinha sido ainda pouco utilizado.

Rodrigo B. da Silva, na sua tese de mestrado, no apartado referente aos oleiros itálicos, tinha já apresentado uma marca de Urbano (n.º 27, p. 125), classificando-a como tendo origem na olaria em Pozzuoli, o que nos permite levar a pensar ser a marca do teatro romano a primeira com origem gálica, deste oleiro, no território actualmente português.

### 3.2.7. Oleiros com oficinas a serem, num futuro, localizadas

Este grupo é constituído por seis fragmentos cujas marcas correspondem a outros tantos oleiros, para os quais ainda não foi possível identificar a localização das respectivas olarias.

Começaremos pelo fragmento de base (TRL/05/141), incompleta, que corresponde ao tipo B 4.11, de uma taça pequena da forma *Consp.* 23, que apresenta numa cartela rectangular e em uma linha o nome do oleiro L. FASTIDIENVS (OCK 809) que iniciou a sua actividade de produção cerâmica, algures a partir do ano 15 da Era. Esta marca, com a leitura L FA^S ou Z, encontra-se ligeiramente “derrapada” no início e termina num nexos muito semelhante ao punção apresentado no OCK com o n.º 9 (exemplar 9421). Trata-se de um oleiro relativamente bem conhecido por todas as províncias do Império, tendo já sido referenciado em Beja e em Conímbriga.

Uma base completa (TRL/05/376) de uma pequena taça de tipo B 4.8 permitiu-nos uma leitura da nossa segunda marca, que apresentamos com reservas, na medida em que o conjunto de três letras que a constituem não é de fácil identificação, especialmente no que concerne à segunda e à terceira. Numa cartela, que poderá ser classificada como uma simbiose entre uma de tipo rectangular e uma *planta pedis*, identificámos um L seguido de ponto, depois o que poderá ser um R e finalmente um A, que não conseguimos saber se se encontra em nexos, pois a sua caligrafia é deveras rebuscada.

Identificadas que foram estas letras, fizemo-las corresponder à marca do oleiro 1610 do OCK - L R( ) A ( ), que é bastante desconhecido quer em relação ao local da sua olaria quer à época em que laborou, motivo que levou Kenrick a considerá-la como de “Interpretation uncertain”.

A terceira peça é constituída pela colagem de cinco fragmentos (TRL/06/234, 234a e b; 292 e 292a) que permitiram a obtenção de quase todo o perfil de uma taça pequena, da forma *Consp.* 33, com uma cronologia que cobre toda a primeira metade do século I d.C., com especial relevância para os principados de Augusto e Tibério, com aplicação de *guilhocis* na parede superior, ou seja, logo a seguir ao toro de separação. No seu fundo interior, apresenta a marca do oleiro TITIVS em cartela rectangular com a sigla T^I^T^I (OCK, 2149, n.º 9), cuja diacronia irá corresponder ao período augustano. Titio, contrariamente a A. TITIVS, é relativamente pouco conhecido na Lusitânia, pensamos mesmo ser a primeira marca deste oleiro no actual território português.

A próxima marca, escrita em forma retro, está incompleta, faltando-lhe as letras iniciais. Aplicada no fundo de uma base, constituída pela colagem de quatro fragmentos (TRL/05/82, 85, 88 e 93), do tipo B 4.1, exhibe a sigla [...]CVND, que poderá pertencer a um dos oleiros cujos nomes terminem dessa forma, como seja o caso de SECVNDVS (OCK 1839 a 1844) ou de IVCVNDVS (OCK



990). Atendendo ao facto de possuímos pouco mais do que metade da base, achámos ser possível que qualquer das duas hipóteses se possam verificar, visto ser exequível o espaço que resta para as duas letras que faltam.

Da análise que fizemos aos diversos Segundos que estão listados no OCK não encontrámos nenhuma estampilha que tivesse sido impressa de maneira retro, embora um vaso de SECVNDVS, de Vasanello (1841, n.º 2), apresente uma caligrafia muito próxima, de traço fino, assim como o desenho da cartela, que embora de maiores dimensões, se pode considerar como *similis* à da nossa.

Quanto a Iucundo, com olaria em sítio indeterminado, encontrámos duas estampilhas retro. Uma (OCK 990, n.º 5), para a qual Kenrick atribui possivelmente uma origem gaulesa (Lyon), não se coaduna com a morfologia da nossa cartela, e a outra (OCK 990, n.º 15) não apresenta a parte final e possui nexos (leitura I<sup>^</sup>VC<sup>^</sup>V ou I<sup>^</sup>VC<sup>^</sup>V<sup>^</sup>N) que não existem no exemplar olisiponense. Em face do exposto, tornou-se assim difícil creditar esta marca a um destes dois oleiros.

Uma das marcas (TRL/05/443) que nos apresentou maior dificuldade na sua atribuição está inscrita numa cartela bilínea que nos parece ser do tipo 457 ou 458 em que, devido ao seu estado erodido, apenas conseguimos obter uma leitura duvidosa da primeira linha, que poderá ser SAB-BIS ou SARRIS e, na segunda, um pequeno traço vertical correspondente a uma letra, que não identificámos, seguida de ponto.

Da pesquisa que fizemos no OCK, resultou apenas a possibilidade de, com muitas reservas, poder filiá-la na oficina de L. VMBRICIVS MANCIANVS, referente a uma marca do escravo SABBIO. Contudo, o traço que se vislumbra na segunda linha, seguido, imediatamente, de ponto, leva-nos a adiantar uma filiação, embora a saibamos longínqua, na oficina de P. Cornélio, atendendo ao facto de a pasta deste fragmento ser idêntica àquelas que apresentámos para os escravos deste oleiro.

Por fim, estudámos um pequeno fragmento de base (TRL/06/107) do tipo B 4.6, que apenas apresentava o final de uma marca para a qual pensamos poder apresentar pelo menos duas hipóteses de identificação. Tendo levado em linha de conta o cálculo do comprimento do rectângulo em que está inscrita e a/s letra/s finais que apresenta, A e R, e depois de uma procura exaustiva no OCK, considerámos ser possível assimilá-la às marcas de HILARVS (OCK 953, 9 ou 11), datáveis entre 20 a.C. e 10 d.C. ou à de um oleiro, de nome MAR( ), que começou a produzir cerâmica desde o início da Era e que poderá ter tido olaria em Pozzuoli (OCK 1110). Excluímos desta identificação as marcas de C. MAR( ), pois todas elas, inscritas em *planta pedis*, não são passíveis de comparação com a nossa, na medida em que não nos restam de dúvidas que a do teatro romano de Lisboa será do tipo *Consp.* 100.

### 3.2.8. Marcas completas indecifráveis

Existe na colecção ora estudada apenas uma marca que devemos incluir nesta rubrica. Encontra-se apenas numa base pequena, inteira (TRL/05/7), apresentando uma parte da parede inferior que nos parece ser hemisférica. Esta base pertence ao tipo B 3.12, que é característico das taças *Consp.* 33, as quais foram largamente produzidas na Etrúria e na Campânia.

A marca que se encontra inscrita numa “elipse”, que adjectivaremos de estilizada, é constituída por um conjunto de quatro traços (ou de três letras, em que a primeira seria um R), a tenderem para o vertical, que se aproximam muito do exemplo apresentado por Kenrick no OCK (motivo 2550, n.º 11, p. 514). No entanto, não descartamos a possibilidade de se tratar do oleiro n.º 1739, RVFVS, cuja oficina ainda não foi encontrada, com cronologia de 1 d.C. a 30+, numa versão R F I inscrita em *planta pedis*.

### 3.2.9. As marcas de oleiros itálicos de leitura reduzida

Nas campanhas dos anos 2005 e 2006, levadas a cabo no teatro romano de Lisboa, para além das marcas dos oleiros que apresentámos nos parágrafos anteriores, obtivemos também um espólio de mais sete marcas (TRL/05/23, TRL/05/61, TRL/05/330–331, TRL/06/83, TRL/06/131, TRL/06/177 e TRL/06/366), as quais, devido ao estado fragmentado que apresentavam, não nos possibilitaram qualquer tipo de leitura. No entanto, três delas, TRL/05/330–331, TRL/06/83 e TRL/06/366, foram aplicadas nos fundos internos de bases para as quais encontramos classificação no *Conspetvs* e que corresponderão a taças de variadas formas.

Assim, a primeira pertencerá a uma base do tipo B 4.10, a qual fará parte, morfológicamente, de taças do tipo *Consp.* 22 a 25, com cronologias que cairão no período compreendido entre 10 a.C. e os finais do principado de Tibério. Por sua vez, a base da segunda (TRL/06/83) apresenta características que a definem como sendo uma B 3.15 e que são peculiares a um vasto leque de taças. Achemos ser a taça biconvexa, tipo 32.5.1, a que mais se coaduna com o desenvolvimento do nosso fragmento, motivo que nos leva a atribuir-lhe uma data a partir do início da Era até meados do século I d.C. Finalmente, o fragmento de base, TRL/06/366, filia-se no tipo B 4.9 e terá sido parte integrante de uma taça de tipo troncocónico (*Consp.* 22–25), à qual corresponderá uma cronologia idêntica à primeira base que estudámos, ou seja, a partir de 10 a.C.

Também a merecer destaque será o caso do fragmento TRL/06/177, pois para ele ser-nos-á lícito atribuir-lhe uma cronologia com começo em época tiberiana, na medida em que se consegue distinguir, perfeitamente, o desenho dos dedos de um pé tão característico das marcas ditas em *planta pedis*. Kenrick (2000, p. 9) alerta para que a “*Planta pedis* ... provide a secure *terminus post quem* of AD 15, but this is often of limited help as they continued to be used for at least a century thereafter!”

### 3.3. A distribuição das marcas

Mesmo antes de apresentar as nossas conclusões sobre o que acabamos de expor, gostaríamos de poder perspectivar, através de um estudo interpretativo, em que realidade(s) se enquadraram as marcas que descrevemos, embora tenhamos já tirado algumas conclusões sobre os cornelianos e os oleiros do “círculo de Ateio”.

Para a prossecução deste objectivo, procurámos medir o ritmo de frequência com que estes oleiros, exumados em *Olisipo*, se encontram representados em outros sítios de ocupação romana e que foram estudados bem. Estão incluídas neste pressuposto o caso das cidades de Alcácer do Sal e Santarém, Braga e Conímbriga e a zona das Represas (Beja), arqueossítios situados em território hoje português, além de Mérida, capital da província romana da Lusitânia e as cidades, ao tempo pertencentes ao território da província da Bética, de *Baelo Claudia* e *Malaca*.

A situação geográfica de Lisboa, junto à costa, goza de vantagens que todas as outras cidades possuem, salvo os casos de Conímbriga, a zona das Represas e a capital de província, o que implica não se tornar despiciendo afirmar que deveríamos encontrar estes oleiros em todas as restantes cidades.

Tabela 2. Marcas de oleiros itálicos em <i>Olisipo</i> (teatro romano) e ocorrência dos mesmos em outros arqueossítios da Lusitânia (capital provincial, incluída) e do Sul da Bética								
Oleiro	Alcácer	Braga	Conímbriga	Represas	Santarém	Mérida	Belo	Málaga (Teatro romano)
AGATHEMERVS	X	X	X	X	-	-	X	-
ANNIVS	-	-	-	-	-	-	X	X
C. GAVIVS FERVS (?)	-	-	-	-	-	-	-	-
CARVS (?)	-	-	-	-	-	-	-	-
P. CORNELIVS	X	-	X	X	X	X	X	X
DIOMEDES P. CORNELIVS	-	-	-	-	X (?)	-	X	-
POTVS P. CORNELIVS	-	-	X	X	-	-	-	-
CHRESTVS	X	-	X	X	X	X	X	-
EVHODVS	-	-	-	-	-	X	X	-
L. FASTIDIENVS	-	-	X	X	-	-	-	-
P. HERTHORIVS	X	-	-	-	X (?)	-	-	X
L·R·A	-	-	-	-	-	-	-	-
PRIMVS	-	X	-	-	-	X	-	-
TITIVS	-	-	-	-	-	-	-	-
M. VALERIVS	X	X	X (?)	X	X	X	-	X
C. VMBRICIVS PHILOGVVS	X	-	-	-	-	-	-	-
C. VOLVSENVS	-	-	-	-	-	-	-	-
VRBANVS	X	-	X	-	-	X	-	-
XANTHVS	X	-	X	X	X	X	X	-
SECVNDVS ou IVCVNDVS (2)	-	-	-	-	-	-	-	-
SABBIO (L) (VMBRICIVS) MANCI(ANVS)	-	-	-	-	-	-	-	-
HILARVS OU MAR ( )	-	-	-	X	X	X	-	-
<b>Total de presenças</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>4</b>

Interpretando o valor das frequências obtidas na Tabela 2, verificamos que tal não acontece. Na verdade, aparece-nos como constante a ocorrência de cerca de oito oleiros para cada estação apresentada, com exceção de Braga e o do teatro romano de Málaga.

No que diz respeito a Mérida, a explicação para este facto reside em vários factores que vão desde a sua cronologia fundacional, função política e administrativa, até ao trabalho de investigação individual e institucional levado a cabo no presente.

Quanto à área que concerne as Represas, pensamos obter resposta para a frequência que, em termos quantitativos, se equipara às das cidades representadas na tabela nas conclusões a que Conceição Lopes chega, quando procede ao estudo deste arqueossítio, e que lhe permite afirmar “... que em Represas no primeiro século da nossa era e inícios do seguinte, se situava uma *villa* com dupla função — exploração agrícola e comércio de redistribuição” e deste sítio se encontrar bem localizado junto a “uma via importante (Pax Iulia-Salacia)” (Lopes, 1994, pp. 103–105).

Finalmente, no teatro de Málaga, pensámos que seria interessante verificar até que ponto haveria uma semelhança entre as oficinas que abasteceram de *terra sigillata* aquele teatro e o de Lisboa, já que estamos em presença de dois espaços lúdicos.

Embora o enorme espólio de marcas de oleiros itálicos encontradas naquele teatro e na Calle Alcazabilla represente, em termos numéricos, um conjunto de interesse relevante para as relações comerciais com a península itálica, infelizmente ficou aquém das nossas expectativas, pois apenas quatro oleiros estavam presentes, valor muito inferior à média geral de oito.

Não deixa de ser notória, porém, a verificação do extremo vigor demonstrado pelas exportações de oleiros, bem conhecidos em *Olisipo*, como seja o caso de P. Cornélio e dos oleiros do “círculo de Ateio”.

A presença destes, uma constante em todos os arqueossítios que serviram de comparação, não será mais do que o reforçar do que afirmámos *supra*, da preferência do primeiro pelos mercados hispânicos e, quanto aos segundos, as razões que levaram à mudança da oficina do seu patrono, Cn. Ateio, de Arezzo para Pisa, a qual teve como fundamento uma preocupação de cariz comercial ultramarino.

#### 4. Considerações finais

A colecção de marcas em *terra sigillata* de tipo itálico agora apresentada constitui um importante conjunto, sobretudo perante uma realidade nacional onde as colecções, relacionadas com oleiros de origem itálica, até ao momento publicadas, são constituídas por *corpus* que, por vezes, não atingem o quantitativo agora apresentado. Destaca-se, em primeiro lugar, o facto de serem registados, pela primeira vez, pelo menos seis oleiros, que, até ao momento, não haviam sido identificados na cidade de *Olisipo*, ou na região ocidental da província da Lusitânia, como podemos afirmar baseados na bibliografia consultada, a qual consideramos sempre de carácter provisório.

O facto mais importante, no entanto, traduz-se na presença de conjuntos de marcas de oleiro neste preciso local do teatro romano de Lisboa. Contudo, não temos conhecimento de marcas recolhidas nas várias campanhas arqueológicas levadas a cabo, quer por Fernando de Almeida, em 1964, quer por Irisalva Moita, entre 1965 e 1967. Sublinhe-se que o mesmo se verifica em relação a outras campanhas realizadas no que chamaremos um “passado presente”, na década de 1980/90. Certamente que muitas outras marcas terão então surgido, ainda que o facto de, até ao momento, não terem sido publicadas, ou delas dado conhecimento, nos impedem de apresentar outro género de comparação quantitativa, com vista a determinar padrões de consumo deste tipo de cerâmica fina de mesa e ritmos de abastecimento para *Olisipo*.

Apesar destas condicionantes, o local de onde provêm os presentes materiais é verdadeiramente *sui generis*, pois corresponde a horizontes deposicionais que se afastam claramente da realidade presenciada no interior do espaço cénico, mesmo com as restrições indicadas *supra*. Com efeito, se no teatro detectamos uma evolução ocupacional, ou seja, uma sobreposição estratigráfica diacrónica, pautada, quer por estratos coevos do teatro, quer pelos que podem ser atribuídos à desactivação funcional deste monumento, no caso da vertente intervenção operada na área nascente, a sul do próprio muro do *postcaenium*, que corresponde, em termos gerais, ao fim do edifício do teatro (no sentido estrito do termo) a realidade detectada parece ser totalmente distinta.

Quanto a este último contexto e no que se refere exclusivamente ao período romano, definimos duas ocupações: a coeva da edificação do teatro — correspondendo, na sua quase totalidade, a estratos de deposição secundária — e, numa segunda fase, a atribuível ao arranjo urbanístico da vertente sul da encosta, o qual se terá processado depois de já avançados os trabalhos do interior do espaço cénico.

A grande separação física que podemos encontrar para demarcar estes dois momentos poderá ser representada pelas estruturas que definimos *supra* como “alinhamentos/enrocamentos”. Estes

amontoados artificiais — que integram pedras de grande calibre e, por vezes, alguns silhares (Fig. 5) — paralelos entre si e, igualmente paralelos ao *postcaenium*, poderão corresponder a uma primeira fase de obra quando se processou ao alicerçamento da grande estrutura do *postcaenium*, ponto fulcral para a instalação do monumento neste local. Estas obras iniciais de engenharia correspondem, assim, ao início da edificação do teatro, ainda que tal facto não obste a que distintos trabalhos preparatórios tivessem tido, simultaneamente, lugar na zona mais a norte.

O desbaste do afloramento rochoso natural no que viria a transformar-se no espaço cénico, terá resultado em enormes volumes de pedra a que era imperioso dar destino. A implantação da *orchestra* e dos primeiros degraus das bancadas obrigaram, respectivamente, à remoção de rocha e ao talhe da mesma, sendo perfeitamente visível, em alguns locais do interior do teatro, os limites entre a rocha base e a estrutura artificial (Fig. 6) (Fernandes, 2007, p. 34).

Parte desta matéria-prima foi utilizada no talhe dos elementos arquitectónicos que se destinariam a decorar o monumento, o que terá reservado uma parte ínfima da enorme quantidade de pedra, somente aquela de melhor qualidade ou sem indício de fractura. Não nos podemos esquecer que chegaram até nós alguns dos fustes, monolíticos, talhados neste calcarenito, vulgarmente designado por “urgeiro”, para além de bases e capitéis, os quais seriam estucados, finalizando em decorações plásticas rebuscadas.

O aspecto mais importante a que as últimas campanhas de escavação dão informação diz respeito aos trabalhos de consolidação da vertente sul da colina. Desconhecemos, no entanto, que edifício ou que arranjo final terá tido este local. Acreditamos, com base em comparação com outros teatros, que esta área foi palco de um arranjo urbanístico, possivelmente com um espaço porticado e muito provavelmente, com uma zona ajardinada, à semelhança dos teatros de *Augusta Emerita*, Itálica, Cartagena, Mérida, para além de muitos outros.

Ainda que presentemente seja impossível determinar o que terá ornamentado a área tardoz da fachada cénica e do seu muro de suporte, pela total ausência de dados, somos de opinião que o enorme aterro artificial aí registado se relaciona com os sistemas de engenharia de muros paralelos

que vão alicerçando e suportando o desnível da colina. Esta solução é muito semelhante à que reconhecemos ter sido empregue quer no teatro romano de *Bilbilis* quer por todo o *Municipium Augusta Bilbilis*.

Infelizmente, no caso do teatro de *Olisipo* nada mais remanesceu que apenas estes grandes muros, e o afloramento natural, aplanado, nivelado (Fig. 6) e preenchido com metros e metros de terra.

Mas a paisagem que ainda hoje temos o privilégio de desfrutar do terraço do Museu certamente não será muito distinta da que os olhos dos nossos antepassados olisiponenses terão, também, usufruído e elogiado.



Fig. 5 Perspectiva de poente para nascente da vala de sondagem 11, ainda com as estruturas dos “alinhamentos/enrocamentos” (a norte: vala 10; a sul: vala 11) e mantendo-se, igualmente, os dois “masseiros” a este e a oeste. Fotografia de Lídia Fernandes.



Fig. 6 O interior do teatro romano, observando-se, em primeiro plano, a *orchestra* e, a norte, o início das bancadas. As setas indicam o afloramento rochoso onde foram tallados alguns dos degraus da *cavea*. Fotografia de António Rafael.



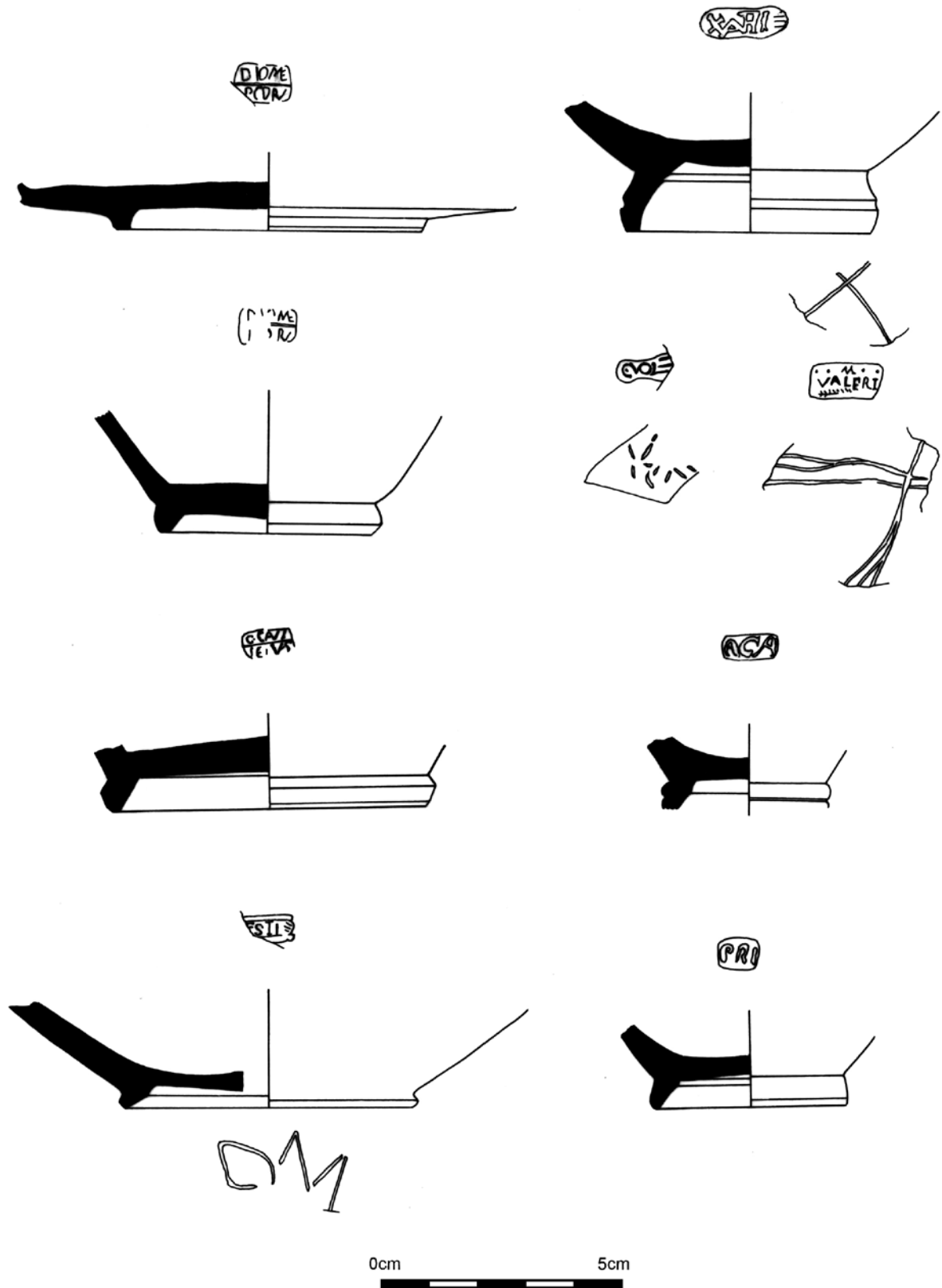
Fig. 7 Perspectiva de sul para norte da área de escavação do pátio (2006). Final da intervenção, observando-se o afloramento rochoso e o arranque da estrutura do *postcaenium*. Fotografia de Lídia Fernandes.

## Catálogo

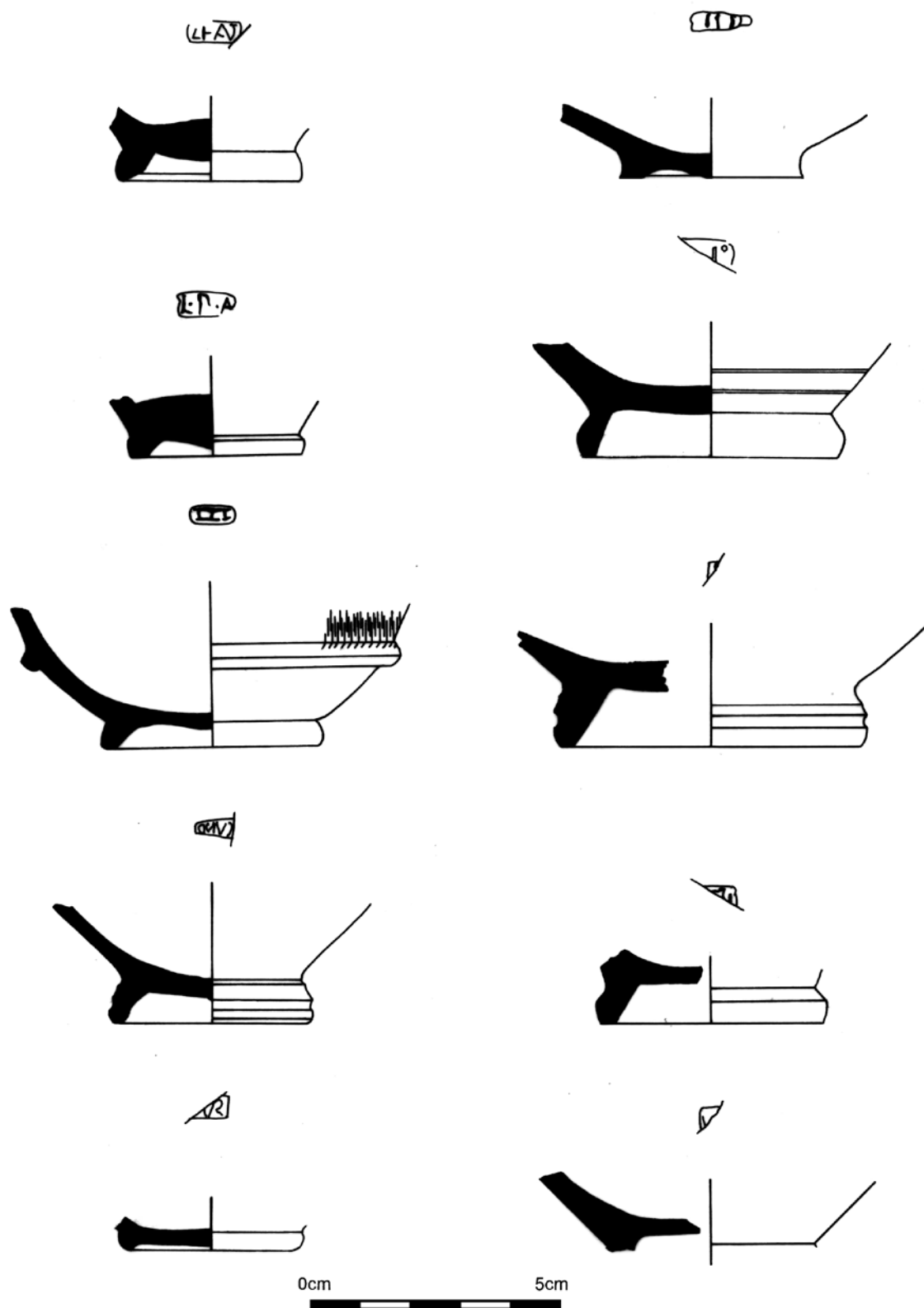
<i>Oleiro</i>	<i>N.º Inv.</i>	<i>Camada</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo cartela</i>	<i>OCK (n.º)</i>	<i>Crono</i>	<i>Nexos</i>	<i>Observações</i>
<b>AGATHEMERVS</b>	TRL/06/19	Vala 11; C 2a	Pozzuoli	100	53	10 a.C./ 10 d.C.	ATH	AGATH Escravo de N. Naevis Hilarvs
<b>ANNIVS</b>	TRL/05/173	Vala 9; C 12	Arezzo	163	116	15 a.C./ 5 d.C.	-	ANNI
<b>C. GAVIUS FERVS (?)</b>	TRL/05/363	Vala 4; C 12a	Arezzo	261	Não está presente	1 - 30 d.C. +	AEN	INÉDITO São propostas a 1.ª e 3.ª letras na segunda linha
<b>CARVS (?)</b>	TRL/06/273	Vala 11; C 11	Itália Central	100 (?)	518	1-15 d.C.	-	Leitura possível apenas se possuí as 3 primeiras letras CAR ( )
<b>P. CORNELIVS</b>	TRL/06/32	Vala 11; C 2a	Arezzo	-	624	5 a.C./ 40 d.C.	PC	PCORN Produção lisa
<b>DIOMEDES P. CORNELIVS</b>	TRL/05/153	Vala 9; C 9b	Arezzo	261	638	?	ME; RN	DIOMEDE PCORN Mesmo punção que a marca seguinte
<b>DIOMEDES P. CORNELIV</b>	TRL/06/15 e 15ª	Vala 9; C 2	Arezzo	261	638	?	ME; RN	Idêntica à anterior
<b>P. CORNELIVS POTVS</b>	TRL/05/132	Vala 9; C 9	Arezzo	45	669	5 a.C. +	RN	Incompleta
<b>CRESTVS</b>	TRL/05/326	Vala 10; C 7	Pisa/Lyon	461	698	10 a.C./ 30 d.C.	-	... ESTI
<b>EVHODVS</b>	TRL/05/123	Vala 9; C 8	Pisa	601	787	5 a.C./ 40 d.C.	-	Círculo de ATEIUS
<b>L. FASTIDIENVS</b>	TRL/05/141	Vala 9; C 9b	?	100	809	15 d.C.	AST	-
<b>P. HERTHORIVS</b>	TRL/06/269	Vala 11; C 8	Arezzo	100	933	30-10 a.C.	HERT	-
<b>LRA</b>	TRL/05/376	Vala 4; C 12b	?	100	1610	?	-	-
<b>PRIMVS</b>	TRL/05/22	Vala 9 C 2a	Vasanello?	100	1519	10 a.C./ 10 d.C.	-	PRI = PRIMVS (de Vasanello?)
<b>M. VALERIVS</b>	TRL/05/246	Vala 10; C 2a	Pisa	220	2315	15 a.C./ 15 d.C.	-	Em duas linhas com palma
<b>C.VMBRICIVS PHILOLOGVS</b>	TRL/05/447	Vala 6; C 12a	Arezzo	100	2448	15 aC +	-	Em duas linhas

Oleiro	N.º Inv.	Camada	Origem	Tipo cartela	OCK (n.º)	Crono	Nexos	Observações
<b>C. VOLUSENVS</b>	TRL/05/2234	Vala 7; C 16	Arezzo	603	2500	1 - 20 dC	-	C.VOL
<b>VRBANVS</b>	TRL/05/229	Vala 10; C 2	Lyon	100	2529	10 aC/10 dC	N com outra letra	Retro
<b>XANTHVS</b>	TRL/06/196	Vala 11; C 2a	Pisa	603	2536	5 aC/ 50 dC+	ANHT	Círculo de ATEIUS
<b>SECVNDVS ou IVCVNDVS (2)</b>	TRL/05/82, 85, 88 e 93.	Vala 9; C 4	?	100 (?)	1842	1 dC / 50	-	Retro ...CVND
<b>SABBIO (L) VMBRICIVS MANCIANVS</b>	TRL/05/443	Vala 6; C 12a	?	457 ou 458	2475 (?)	15 a.C. +	-	Em duas linhas, possivelmente. Só a 1.ª linha SABBIS ou SARRIS
<b>HILARVS ou MAR ( )</b>	TRL/06/107	Vala 10; C 7	? Pozzuoli ?	100	953 ou 1110	Inícios da Era	-	Metade Este ...\R
<b>Indeterminado</b>	TRL/05/07	Vala 9; C. 2	?	600	?	15 d.C. +	-	R V F 4 traços verticais indecifráveis (?)
<b>Indeterminado</b>	TRL/05/23	Vala 9; C 2a	?	100(?)	?	?	-	Vestígios de uma letra
<b>Indeterminado</b>	TRL/05/61	Vala 9; C 2a	?	100(?)	?	?	-	Identificam-se dois pontos na vertical e o resto de um I
<b>Indeterminado</b>	TRL/05/330 e 331	Vala 10; C 9	?	100(?)	?	?	-	Metade W da C9. Um ponto e um I
<b>Indeterminado</b>	TRL/06/83	Vala 11; C 4	?	100(?)	?	?	-	Vestígios de uma letra
<b>Indeterminado</b>	TRL/06/131	Vala 11; C 6	?	100(?)	?	?	-	Vestígios de uma letra A ou V
<b>Indeterminado</b>	TRL/06/177	Vala 11; C 10	?	603	?	15 d.C. +	-	Apenas possuímos, da <i>planta pedis</i> , os dedos
<b>Indeterminado</b>	TRL/06/366	Vala 11; C 18 b	?	100(?)	?	?	-	Dois caracteres que não permitem leitura

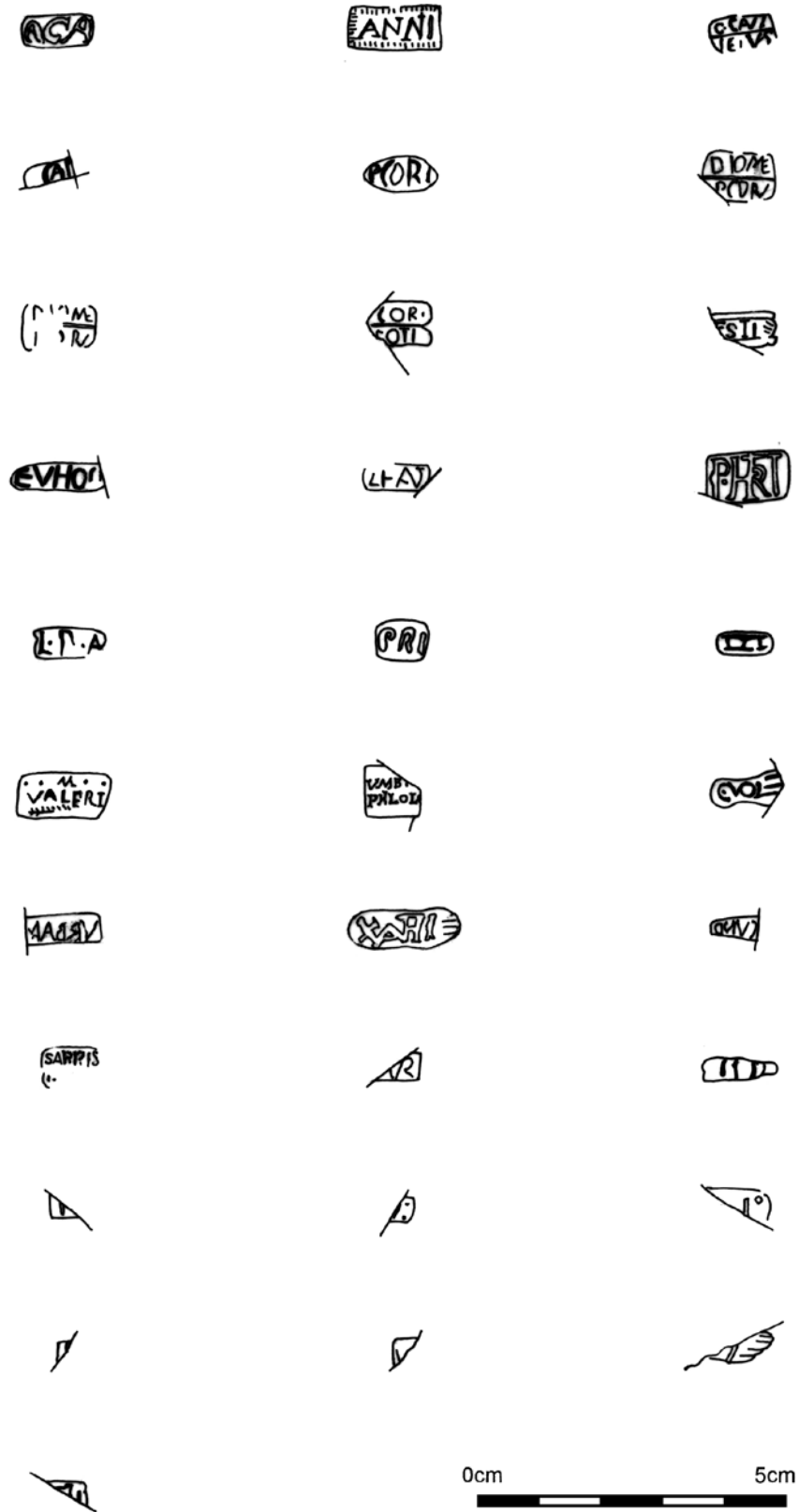




Estampa 1 Marcas de oleiros itálicos de leitura completa, seus suportes cerâmicos e grafitos.



Estampa 2 Marcas de oleiros itálicos de leitura possível e indeterminada e seus suportes cerâmicos.



Estampa 3 Sinopse das marcas de oleiros itálicos encontradas no teatro romano de *Olisipo*.



Estampa 4 Marcas de oleiros itálicos encontradas no teatro romano de *Olisipo*, fotografias sem escala.

## Agradecimentos

Agradecemos a Carlos Loureiro, nosso colega do Museu da Cidade, o tratamento de algumas das imagens; ao Mestre Guilherme Cardoso pelas fotografias das marcas de oleiro e ao Dr. Severino Rodrigues pela composição das estampas.

---

## NOTAS

- \* Arqueólogo. Associação Cultural de Cascais. Colaborador científico do Museu do teatro romano de Lisboa (Museu da Cidade, C.M.L.).
- \*\* Arqueóloga do Museu da Cidade (Divisão de Museus e Palácios do D.P.C., C.M.L.). Coordenadora científica da intervenção arqueológica do teatro romano de Lisboa. Mestre em História de Arte.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge; ALARCÃO, Adília (1966) - O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, pp. 7-104.
- ARCAS BARRANQUERO, Ana; MERINO MATAS, Itziar; SÁNCHEZ VOIGT, Lourdes (2008) - Nuevas aportaciones a la distribución de productos cerámicos extrapeninsulares en la Malaca del Principado y Altoimperio. *Mainake*. Málaga. 30, pp. 413-436.
- BÉMONT, Colette (1976) - *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée: les vases estampillés de Glanum*. Roma: École Française de Rome.
- BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise (1991) - *Les sigillées. Fouilles de Belo VI*. Paris: Casa de Velázquez.
- CANTOS CARNICER, Álvaro. (2000) - La *terra sigillata* itálica del Foro de Caesaraugusta. *Saldvie*. Zaragoza. 1, pp. 203-240.
- DELGADO, Manuela; ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise (1975) - *Les sigillées*. In ALARCÃO, Jorge; ÉTIENNE, Robert - *Fouilles de Conimbriga 4*. Paris: De Boccard.
- DESBAT, Armand; GENIN, Martine; LASFARGUES, Jacques (1997) - Les productions des Ateliers de potiers antiques de Lyon. *Gallia*. Paris. 53, pp. 1-249.
- DESBAT, Armand; PICON, Maurice; DJELLID, Akila (2000) - Le début des importations de sigillées à Lyon. In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*. Abingdon. Acta, 36, pp. 513-523.
- DIAS, Luísa F. (1978) - As marcas de “terra sigillata” do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 145-154.
- DIOGO, António Manuel Dias (1980) - *Cerâmica romana de Alcácer - I*. Lisboa: GECA.
- ETTLINGER, Elisabeth; HEDINGER, Bettina; HOFFMAN, Bettina; ROTH-RUBI, Katrin; KENRICK, Philip M.; PUCCI, Giuseppe; SCHNEIDER, Gerwulf; VON SCHNURBEIN, Siegmund; WELLS, Colin M.; ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, Susanne (1990) - *Conspectus formarum terrae sigillatae itálico modo confectae*. Bonn: Habelt.
- FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol; DIOGO, António Manuel Dias (1987) - Marcas de *terra sigillata* de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. Coimbra. 26, pp. 61-76.
- FERNANDES, Lídia (1997) - *Capitéis romanos da Lusitania ocidental*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4 volumes. Lisboa.
- FERNANDES, Lídia (2001) - Capitéis do teatro romano de Lisboa. *Anas*. Mérida. 14, pp. 29-51.
- FERNANDES, Lídia; SALES, Paulo (2005) - Projecto teatro romano, Lisboa: a reconstituição virtual. *Revista Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28-32.
- FERNANDES, Lídia (2006) - O Teatro de Lisboa - intervenção arqueológica de 2001. In *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza - Los teatros romanos de Hispania (Córdoba, 12-15 noviembre 2002)*. Córdoba: Universidad, pp. 181-204.
- FERNANDES, Lídia (2007) - Teatro romano de Lisboa: os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-madan*. Almada. 15, pp. 27-39.
- FERNANDES, Lídia; FILIPE, Victor (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 229-253.
- FERNANDES, Lídia (2008) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do teatro romano de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 56-57, pp. 83-94.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; TORRES, Andreia (2008) - Ocupação baixo-medieval do teatro romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas. *Arqueologia Medieval*. Porto. 10, pp. 159-183
- FILIPE, Victor (2008) - *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, Departamento de História (policopiada).

- GOMES, Nuno (2002) - *Terra sigillata itálica decorada: escavações da Praça da Figueira (1999–2001)*. Dissertação de Licenciatura apresentada na Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiada).
- GUÉRY, Roger (1992) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algérie, 4, 1. Sigillé italique. A() à C.M(R). *Antiquités Africaines*. Aix-en-Provence. 28, pp. 15–131.
- HEDINGER, Bettina (1999) - Die frühe Terra sigillata aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Instituts in Karthago 1974–1991. Mit Beiträgen von S. von Schnurbein und G. Schneider. In VAN DEN DRIESCH & *alli* - *Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Band 3. Mainz am Rhein: von Zabern, pp. 319–331.
- JEREZ LINDE, José (2005) - *La terra sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- KENRICK, Philip (1997) - CN ATEIUS - The inside story. In *Rei Cretariæ Romanæ Fautorum Acta* 35. Abingdon, pp. 179–190.
- LOPES, Maria da Conceição (1994) - *A sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Universidade.
- MARABINI, Maria Teresa (2006) - *Cosa. The Italian sigillata*. Memoirs of the. Roma: American Academy in Rome.
- MENCHELLI, Simonetta (1997) - Terra sigillata pisana: furniture militari e “libero mercato”. In *Rei Cretariæ Romanæ Fautorum Acta*. Abingdon. Acta, 35, pp. 191–198.
- MORAIS, Rui (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- MORILLO CERDÁN, Ángel; GARCÍA MARCOS, Victorino (2003) - Importaciones itálicas en los campamentos romanos del norte de Hispania durante el periodo augusteo y julio-claudio. In *Rei Cretariæ Romanæ Fautorum Acta* 38. Abingdon, pp. 295–304.
- NICOLETTA, Natalia (2003) - I produttori di terra sigillata di Scoppieto. In *Rei Cretariæ Romanæ Fautorum Acta* 38. Abingdon, pp.145–152.
- OXÉ, August; COMFORT, Howard (1968) - *Corpus Vasorum Arretinorum: a catalogue of the signatures, shapes, and chronology of Italian sigillata*. Bonn: Habelt.
- OXÉ, August; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) - *Corpus Vasorum Arretinorum: a catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. 2nd edition. Bonn: Habelt.
- RIBEIRO, Fernando Nunes (1959) - “*Terra sigillata*” encontrada nas Represas - Beja. II: marcas de oleiro. Beja: Minerva.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FARIA, João; FARIA, Marisol (2000) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 119–152.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FERREIRA, Marisol; MATA, Vanessa da (2009) - O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção urbana de emergência. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 271–300.
- SEPÚLVEDA, Eurico; MATA, Vanessa da; FERREIRA, Marisol (no prelo) - Espólio da encosta do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (LOCAS). A terra *sigillata* de tipo itálico decorada e marcas de oleiro - II (Um projecto de João Carlos Faria). In *Actas do 1.º Encontro Alcácer do Sal 5000 anos de Arqueologia e História*. Tributo a João Faria. Alcácer do Sal.
- SILVA, Rodrigo (s/d) - “*Marcas de oleiro*” em *terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C. - século II d.C.)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga (policopiada).
- TROSO, Cristina (1991) - *Il ceramista aretino Publius Cornelius. La produzione decorata a rilievo*. Pavia: La Nuova Italia Editrice.
- VIEGAS, Catarina (2003) - *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.